

A família e a empresa

Reflexões preliminares em torno de um projecto de investigação sobre famílias de empresários de PME*

Maria das Dores Guerreiro**

Resumo — A existência em Portugal de um tecido empresarial onde predominam pequenas e médias empresas em quase todos os sectores de actividade, muitas delas de carácter familiar, leva-nos a supor que é possível estudar alguns aspectos das relações entre modalidades de desenvolvimento económico e estruturas socioculturais através da análise do entrecruzamento de dinâmicas familiares com dinâmicas empresariais.

É esta suposição que tomamos como ponto de partida para uma pesquisa em curso sobre «Famílias de Empresários e Empresas Familiares». Pretende estudar-se alguns casos de pequenas e médias empresas portuguesas, com o objectivo de caracterizar as famílias dos empresários, de analisar de que forma família e empresa se interpenetram e se influenciam, e de identificar tipos de famílias e respectivas formas de actuação no que respeita a múltiplas dimensões da vida da empresa.

1 — Parâmetros socioculturais e formas de desenvolvimento económico nas PME portuguesas

Um número bastante significativo de famílias portuguesas desenvolve uma pequena actividade empresarial. São proprietárias dessas empresas, criaram-nas de novo ou herdaram-nas dos seus antecessores, e frequentemente vários membros da família aí trabalham. Algumas empresas já vêm de trás, mas na última década criaram-se muitas. Contrariamente ao que era frequente pensar-se não se trata de uma figura económica em extinção. Pelo contrário: as pequenas empresas estão cada vez mais presentes e, além disso, não só estão implantadas em sectores tradicionais como proliferam também em alguns sectores modernos da indústria e dos serviços.

Qual o significado desta situação para Portugal, no plano do desen-

* Comunicação apresentada ao XIII Colóquio da Association Internationale des Sociologues de Langue Francaise — AISLF, Genève, Agosto, 1988.

** CIES / ISCTE

volvimento económico? Terá o mesmo significado do que se passa, por exemplo, em Itália, com os fenómenos da industrialização difusa e da economia subterrânea¹? Terá alguma coisa em comum com as formas recentes de desenvolvimento económico da área do Pacífico²? Em que medida se pode comparar esta proliferação de pequenas empresas em Portugal, pequeno país da semiperiferia europeia³, com o aumento de pequenas empresas no resto da Europa? O que sabemos é que o fenómeno português atinge proporções significativas e parece-nos razoável interrogarmo-nos sobre vários aspectos que com ele se prendem.

A questão de como diferentes formas e processos de desenvolvimento se articulam com diferentes padrões de características socioculturais é antiga e fundamental. Tem sido objecto de análises contrapostas, de debates muito acalorados e de propostas de solução que nunca conseguiram ganhar aceitação consensual. Os exemplos remontam designadamente a Marx e aos efeitos, por ele estudados, da infraestrutura económica na superestrutura ideológica⁴ ou, um pouco em sentido contrário, às influências da ética protestante no espírito do capitalismo, analisadas por Weber⁵; prolongam-se em toda a segunda metade deste século, nos intermináveis debates das teorias da modernização e do subdesenvolvimento acerca da validade, ou falta de validade, da transposição de modelos de desenvolvimento para contextos socioculturais muito diferentes⁶; e recrudescem em número e actualidade com todo o interesse contemporâneo posto, quer por cientistas sociais quer por gestores e políticos, nos temas das culturas organizacionais⁷, da cultura de empresa⁸, e das relações entre diferentes culturas nacionais e diferentes resultados económicos⁹, interesse este em grande medida desencadeado pelos êxitos espectaculares das políticas de desenvolvimento e dos modelos de gestão japoneses.

É nossa intenção, nesta pesquisa, procurar encontrar uma estratégia de investigação capaz de produzir alguns contributos — embora necessariamente circunscritos — para o esclarecimento dessa grande questão que é a das relações entre dimensões económicas de desenvolvimento e padrões socioculturais.

2 — Problemática de enquadramento e delimitação do objecto

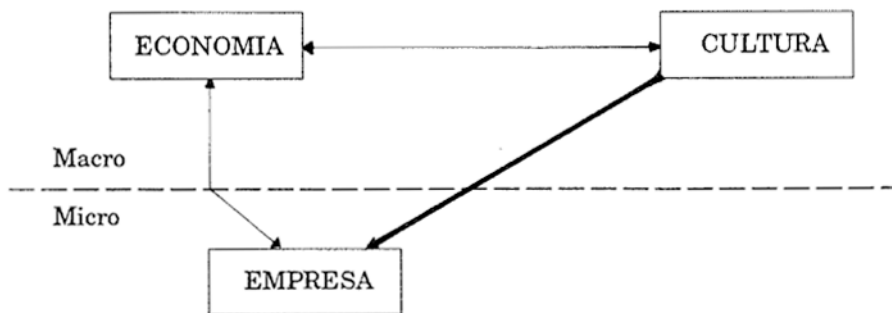
Os trabalhos de macroeconomistas e de analistas da gestão empresarial têm, evidentemente, dado contributos importantes para a questão. Mas, normalmente, não se têm ocupado com grande profundidade da análise das articulações entre o nível global da economia e o nível da organização empresarial e, além disso, na maioria dos casos, pelo menos até há relativamente pouco tempo, era pouco comum entrarem em linha de conta com factores explicativos de natureza sociocultural.

Nos últimos anos porém, como já referi, uma das temáticas que tem vindo a adquirir maior popularidade, tanto no meio académico como no meio empresarial, é precisamente a dos importantes efeitos que os di-

ferentes valores culturais nacionais parecem produzir nas motivações económicas dos agentes e nos modos de funcionamento das organizações. Sem esquecer trabalhos precursores, nomeadamente os de David McClelland¹⁰, foram sobretudo os anos 80 que viram surgir múltiplos programas de investigação, reflexões e ensaios de aplicação com esta óptica, com exemplos particularmente interessantes tais como os estudos de Geert Hofstede¹¹.

Este tipo de abordagens já não se situa predominantemente no plano económico, mas relaciona-o explicitamente com o cultural. Procura sobretudo determinar consequências das culturas nacionais nos comportamentos de carácter económico e nas formas de organização e gestão empresarial dos diferentes países.

QUADRO 1



É inegável o interesse destes contributos, apesar de se concentrarem num único sentido das relações entre cultura e empresa¹². No entanto, uma limitação que importa apontar-lhes é a da assimetria com que tratam os dois pólos da principal relação de causalidade analisada: entre cultura e empresa. Na verdade, se a empresa é conceptualizada como unidade de nível micro, a analisar pormenorizadamente nas suas estruturas e nos seus processos internos de funcionamento e de gestão, já a cultura nacional é encarada apenas num plano macro-analítico como uma espécie de entidade global e homogénea. Não é assim tomado em conta que, tal como o estudo do que se passa nas organizações permite ver o campo económico a uma luz específica e complementar da análise macroeconómica, também a compreensão dos parâmetros socioculturais dificilmente pode prescindir do estudo de mecanismos específicos de interação e de socialização realizado sobre objectos de microescala — a esse nível directamente correlacionáveis com sistemas de relações, estratégias e comportamentos nas empresas.

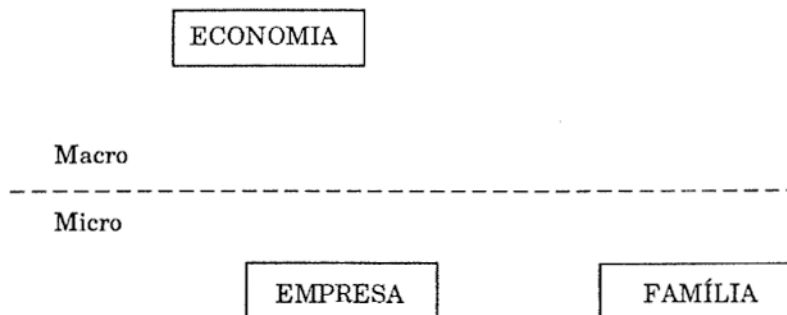
A procura de tais correlações existe na bibliografia das ciências sociais. A título de exemplo, podem referir-se desde os trabalhos de antropólogos como Edward Hall sobre processos comunicacionais envolvidos no contacto entre diferentes gramáticas e reportórios culturais¹³, até investigações sociológicas como as de M. Maurice, F. Sellier e J. J.

Silvestre, que comparam políticas de educação e formas de organização industrial na França e na Alemanha¹⁴.

Não poderá o estudo da família e das suas relações com a empresa — particularmente em casos em que essas relações são muito densas, como os que estudamos — dar também aqui o seu contributo, constituindo-se numa das formas de procurar superar limitações do tipo das apontadas?

Um outro importante conjunto de estudos tem incidido sobre a família e a economia camponesas. Em muitos desses estudos é sobretudo analisada a vertente das relações familiares que tem a ver com o facto de essas famílias serem, simultaneamente, unidades económicas de produção e unidades de reprodução social.

QUADRO 2



Se daqui se podem certamente extrair indicações importantes para o estudo das relações entre família e empresa, são por outro lado trabalhos que incorrem na limitação de fazer reduzido apelo à capacidade explicativa das variáveis socioculturais.

É claro que existem muitos outros estudos sobre espaços sociais rurais cujos quadros conceptuais entram em consideração com um conjunto mais completo de variáveis, incluindo as classes sociais e as formas culturais¹⁵. Por outro lado, autores como Emmanuel Todd¹⁶, tomam como ponto de partida os diversos padrões culturais longamente sedimentados nas várias regiões do globo, mostram como é que lhes correspondem diferentes formas familiares, e a partir delas propõem estimulantes hipóteses explicativas das distintas modalidades de desenvolvimento económico existentes a nível mundial. É igualmente numa perspectiva de grandes espaços económicos e culturais que são construídas análises, por exemplo, da sociedade italiana ou da sociedade portuguesa, que relacionam industrialização e desenvolvimento económico com contextos socioculturais específicos¹⁷. Em alguns casos, como os de Massimo Paci ou Giuseppe Galasso, a família é tomada como importante elemento analítico.

Outras análises, como nomeadamente as de Pierre Bourdieu, Daniel Bertaux, Georges Menahem e Jean Kellerhals, cada um à sua maneira, relacionam diferentes tipos de estratégias e de modelos familiares com

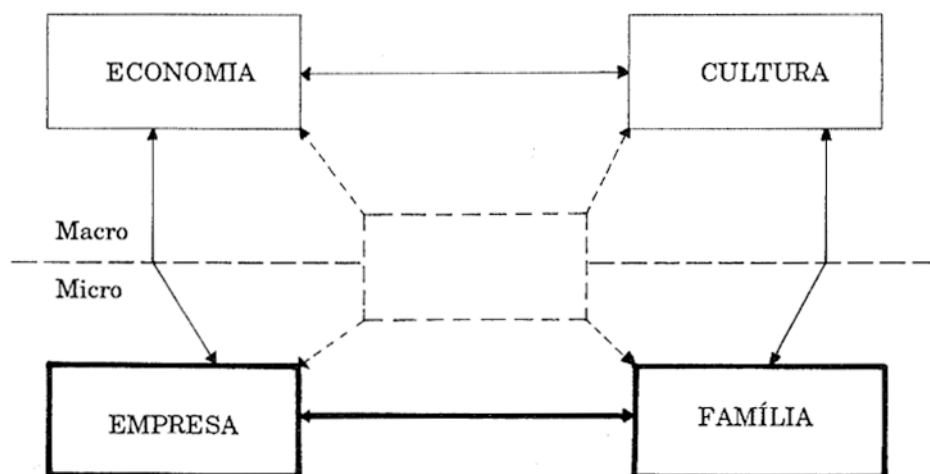
as distribuições desiguais de capitais económicos e culturais, isto é, com as diversas classes sociais¹⁸. São abordagens que, no entanto, não se ocupam do estudo das organizações, das dinâmicas e dos sistemas de relações que se estabelecem no interior das empresas, nem das relações que a este nível as interligam com outras unidades sociais de interconhecimento, como a família.

Este breve balanço será talvez para evidenciar a pertinência e o interesse de uma investigação que, no nosso país, tome como principal campo de observação, e como eixo de análise dominante, precisamente, as famílias de empresários, as empresas familiares e as relações entre ambas. Isto, evidentemente, no quadro de um modelo analítico que contemple a complexidade de articulações que estes dois tipos de unidades sociais estabelecem com importantes elementos estruturadores do conjunto do sistema social, nomeadamente nas dimensões socioeconómica e sociocultural. Daí a pesquisa que temos em curso, de que este artigo pretende estabelecer um primeiro enquadramento.

Faz parte dos objectivos da pesquisa estudar de perto interações e estratégias cujos protagonistas, no quotidiano e ao longo das respectivas trajetórias de vida, tecem redes e accionam mecanismos sociais polarizados na família e na empresa. E pretende-se que esta análise procure vias efectivas de integração na problemática global das relações entre formas de desenvolvimento económico e padrões socioculturais.

Aliás, um modelo analítico como este, está, segundo cremos, em sintonia com orientações convergentes de grande parte dos mais importantes teóricos contemporâneos da sociologia, que procuram superar envelhecidos dualismos mutuamente exclusivos entre «macro-sociologias» e «micro-sociologias». Referimo-nos a autores tão importantes na renovação de uma teoria geral do social como Anthony Giddens e Pierre Bourdieu, Aaron Cicourel, Randall Collins ou Jeffrey Alexander, entre muitos outros¹⁹ que, apesar da polémica que mantêm, salientam a

QUADRO 3



pertinência e a produtividade científica de concentrar a construção de conceitos e a análise em objectos que integrem os níveis da instituição e da interacção, das estruturas e dos agentes, dos campos de relações e dos sistemas de disposições, da acção e dos seus contextos colectivos.

3 — Dimensões de análise da família e da empresa

As pequenas e médias empresas constituem grande parte do tecido empresarial português. Mais de noventa e sete por cento do total das empresas portuguesas são empresas com menos de cem trabalhadores e as chamadas empresas muito pequenas (com menos de cinco trabalhadores) representam mais de metade do universo das empresas portuguesas²⁰.

Muitas destas pequenas e médias empresas constituem-se em torno de relações familiares e parecem apresentar diferentes dinâmicas que dependem dessas relações: dos graus de solidariedade que se desenvolvem associados ao parentesco, da maior ou menor confluência de recursos familiares — do capital económico, cultural, profissional, escolar —, da capacidade de gerir conflitos, de estabelecer alianças e de satisfazer os interesses individuais dos vários membros da família.

Para o estudo deste nosso objecto propomo-nos, em termos de estratégia de observação, desdobrar os nossos dois universos de análise — famílias de empresários e empresas familiares — num conjunto de dimensões analíticas que se traduzam em parâmetros de observação.

No que se refere às empresas vamos preocupar-nos em captar todo um conjunto de informações que nos dêem a conhecer a empresa sob diversos pontos de vista: interessa-nos apreender tanto o que se passa no interior da empresa como as relações que estabelece com o contexto social, económico e cultural que a envolve, sendo aqui fulcral o conhecimento das formas de articulação entre a empresa e a família.

Assim, é nossa intenção proceder a uma caracterização genérica das empresas e dos respectivos contextos sectorial e regional; e recolher informação sobre os níveis estratégico, administrativo e operacional de funcionamento e gestão da empresa, sobre as dimensões estrutural, relacional, tecnológica, cultural da organização e sobre as dinâmicas de mudança por que vão passando. Autores de referência são, por exemplo, Ansoff, Crozier, Sainsaulieu, Mintzberg, Peters e Waterman, Hofstede e Morgan²¹.

No quadro das nossas preocupações analíticas está a intenção de nos dedicarmos particularmente à família. E de entre o conjunto das dimensões de análise, por nós inventariadas, com vista à estruturação do processo de pesquisa destacam-se as seguintes:

— Identificação das famílias dos empresários em termos de lugar de classe e das respectivas trajectórias sociais — nomeadamente no que respeita à situação socioeconómico-profissional e aos percursos escolar, familiar e geográfico, de acordo com o que

é preconizado por autores como Pierre Bourdieu ou Daniel Bertaux, os quais referem a importância das origens social e familiar e das trajectórias de vida para a compreensão dos sistemas de disposições e das estratégias dos actores sociais²²;

— Saber se estas famílias são empresárias há várias gerações ou, pelo contrário, só se implicaram nesta actividade há pouco tempo, ocupando os seus membros anteriormente lugares de assalariado, artesão ou camponês, saber se os seus membros têm um percurso social homogéneo, ou se na actual família de empresários se cruzam trajectórias diferenciadas, é de grande importância para a compreensão do nosso objecto; permite designadamente captar as relações entre estratégias de parentesco e estratégias de reprodução e mobilidade social;

— Identificação da morfologia familiar, isto é, da dimensão do grupo doméstico, número de núcleos familiares que o constituem, número de gerações, número de filhos por cada núcleo familiar, etc., no seguimento dos trabalhos da linha histórico-demográfica²³. É uma caracterização que nos possibilitará incluir na análise aspectos das hipóteses globalizantes que tais estudos desenvolvem sobre padrões estruturais e tendências evolutivas que põem em relação os domínios demográfico e sociocultural;

— Identificação das redes do parentesco, para sabermos com que alcance e em que domínios se estabelecem laços de parentesco, como e de que forma se estende esta rede de relações, e muito particularmente como é que se propaga tanto à actividade quotidiana da empresa como às grandes decisões que nela se tomam, com permanentes repercussões mútuas entre família e empresa. Para o tratamento deste ponto parecem-nos de especial importância, para além de toda a bibliografia antropológica sobre as classificações do parentesco, tomar como referências os trabalhos de autores como Young e Willmott, Bott, Pitrou, e muito em especial a contribuição recente, de extrema importância, de Kellerhals sobre a topografia subjectiva do parentesco²⁴;

— Identificação dos tipos de interacção familiar, das normas de coesão, regulação, orientação, integração que predominam nas famílias em estudo, da forma como se distribuem e são vividos os papéis familiares, etc. Pretende relacionar-se estes diferentes tipos de interacção familiar com as correspondentes formas de interacção no quadro empresarial. São aqui de grande importância os contributos de Kellerhals, Olson e McCubbin, Donati e Reiss, entre outros²⁵;

— Identificação de valores e atitudes acerca da família, do casamento, do relacionamento sexual, das relações entre pais e filhos e de diversos outros aspectos da vida familiar²⁶, procurando perceber articulações destas éticas familiares com as outras dimensões de análise da família e com os valores culturais presentes na vida empresarial. É claro que estamos aqui a inventariar uma pluralidade de dimensões, umas mais nucleares à pesquisa

do que outras. É nossa intenção tentar fazer entre elas a articulação possível, ponderando devidamente o peso a atribuir a cada uma, em conformidade com as características de um objecto de estudo que toma como principal campo de observação e análise as relações entre famílias de empresários e empresas familiares, tendo como pano de fundo vectores socioeconómicos e socioculturais de estruturação do sistema social.

Notas

¹ Ver, sobre este tema, Massimo Paci, *La struttura sociale italiana*, Bologna, Società editrice il Mulino, 1982, Gioacchino Garofoli (ed), *Ristrutturazione Industriale e Territorio*, Milano, Franco Angeli Ed., 1978, Arnaldo Bagnasco, *Tre Italie*, Bologna, Società editrice il Mulino, 1977 e Giorgio Fùa e Carlo Zacchia, *Industrializzazione senza fratture*, Società editrice il Mulino, 1983.

² Ver, por exemplo, Chew S. Beng, *Small Firms in Singapore*, Singapore, Oxford University Press, 1988, Nelson S. António, *Gestão Japonesa*, Loures, Ed. Sílabo, 1988, John Naisbitt, *Megatrends*, Nova Iorque, Warner Books, 1982, Alvin Toffler, *A Terceira Vaga*, Lisboa, Livros do Brasil, 1984.

³ Boaventura Sousa Santos, «Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português», *Análise Social*, n.º 87-88-89, 1985.

⁴ Karl Marx, *Le Capital*, Paris, Ed. Sociales, 1977.

⁵ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Lisboa, Ed. Presença, 1983.

⁶ Para uma síntese de todos estes debates, ver Anthony Giddens, «O Capitalismo e o Sistema Mundial», in *Sociologia: uma breve porém crítica introdução*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984.

⁷ Por exemplo Renaud Sainsaulieu, *L'identité au travail. Les effets culturels de l'organisation*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1977 e *Sociologie de l'organisation et de l'entreprise*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques & Dalloz, 1987.

⁸ Thomas J. Peters e Robert H. Waterman Jr. *In search of excellence*, Nova Iorque, Harper & Row, 1982.

⁹ Geert Hofstede, *Culture's Consequences*, California, Beverly Hills, 1984 e Daniel Bollinger e Geert Hofstede, *Les différences culturelles dans le management*, Paris, Les Éditions d'Organisation, 1987.

¹⁰ David C. McClelland, *The Achieving Society*, New Jersey, D. Van Nostrand Company, Inc, 1961.

¹¹ Geert Hofstede, *op. cit.*, e Daniel Bollinger e Geert Hofstede, *op. cit.*

¹² Outro tipo de análises começam a salientar a centralidade social da empresa como instituição, o que chama a atenção para os efeitos que ela própria pode produzir na estruturação do tecido sociocultural. É o caso de Renaud Sainsaulieu e Denis Segrestin «Para uma teoria sociológica da empresa», *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 3, 1987.

¹³ Por exemplo: Edward Hall, *Le langage silencieux*, Paris, Ed. Seuil, 1984.

¹⁴ Marc Maurice, François Sellier e Jean-Jacques Silvestre, *Politique d'éducation et organisation industrielle en France et en Allemagne*, Paris, PUF, 1982.

¹⁵ Em Portugal, tanto por parte da sociologia como da antropologia foram efectuadas uma série importante de pesquisas as quais, duma ou de outra maneira, têm este tipo de preocupações. Nomeadamente ver: Eduardo de Freitas, João Ferreira de Almeida e Manuel Villaverde Cabral, *Modalidades de Penetração do Capitalismo na Agricultura*, Lisboa, Ed. Presença, 1976, João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS, 1986, José Madureira Pinto, *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-*

-ideológicas nos Campos, Porto, Edições Afrontamento, 1985, Karin Wall, «Residência e sucessão na família camponesa do Baixo Minho», *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 5, 1988, João Pina Cabral, «As mulheres, a maternidade e a posse da terra no Alto Minho», *Análise Social*, n.º 80, 1984, Brian Juan O'Neill, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984 et Raul Iturra «Casamento, ritual e lucro numa aldeia portuguesa (1862-1983)», *Ler História*, n.º 5, 1985.

¹⁶ Emmanuel Todd, *L'enfance du monde. Structures familiales et développement*, Paris, Ed. Seuil, 1984.

¹⁷ Massimo Paci, *op. cit.*, Gioacchino Garofoli, *op. cit.*, Arnaldo Bagnasco, *op. cit.*, Giorgio Fùa e Carlo Zacchia, *op. cit.*, Giuseppe Galasso, *A outra Europa*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1987 - sobre a Itália; sobre Portugal ver o número temático «Espaço e Industrialização» da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22, 1987.

¹⁸ Pierre Bourdieu «Les stratégies matrimoniales dans le système des stratégies de reproduction», *Annales*, 4-5, Jul./Out., 1972, Daniel Bertaux, *Destins personnels et structure de classe*, Paris, PUF, 1977, Georges Menahem «Les mutations de la famille et les modes de reproduction de la force du travail» *L'Homme et la Société*, n.º 51/54, Jan.-Dez., 1979, Jean Kellerhals et al., *Mariages au Quotidien*, Lausanne, Ed. Favre, 1982 e Jean Kellerhals, «Les types d'interactions dans la famille», *L'Année sociologique*, n.º 37, 1987.

¹⁹ Anthony Giddens, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press, 1984, Pierre Bourdieu, *Choses dites*, Paris, Ed. Minuit, 1987, Aaron Victor Cicourel, «Notes on the integration of micro-and macro-levels of analysis» in Karin D. Knorr-Cetina and Aaron Victor Cicourel, *Advances in Social Theory and Methodology*, Boston, Routledge & Kegan Paul, 1987 in K. Knorr-Cetina and A.V. Cicourel, *op. cit.*, e Jeffrey Alexander et al. (ed.) *The Micro-Macro Link*, Londres, University of California Press, 1987.

²⁰ Eduardo Ferro Rodrigues e Lino Fernandes, *As PME e o desafio da modernização*, Lisboa, IAPMEI, 1987. Manuel da Silva e Costa, «Pequenas Empresas e Inovação Tecnológica: da experiência artesanal à consciência empresarial», A. Custódio Gonçalves, A. Teixeira Fernandes, C. Lalive d'Épinay (dirs.), *La sociologie et les nouveaux défis de la modernisation*, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988.

²¹ Esta pesquisa utiliza como campo de observação as empresas inscritas no projecto «Gestão Estratégica Aplicada às PME», coordenada por Alfredo Pereira, António Firmino da Costa e Nelson António, em curso no ISCTE, desde 1985. É aqui particularmente importante o facto da nossa pesquisa poder receber contribuições importantes dos trabalhos realizados em articulação com este projecto, pelos investigadores da área da gestão empresarial e das suas referências conceptuais. Nomeadamente ver Alfredo Pereira, «A informática como instrumento de gestão e de formação», *A vida informática*, n.º 4, 1985, para além dos autores referidos: H. Igor Ansoff, *Corporate Strategy*, Nova Iorque, Mcgraw-Hill, 1965 e *Strategic Management*, London, Macmillan Press, 1978, Michel Crozier e Erhard Friedberg, *L'acteur et le système*, Paris, Ed. Seuil, 1977, Renaud Sainsaulieu *op. cit.*, Henry Mintzberg, *Structure et dynamique des organisations*, Paris, Ed. d'organisation, 1982, Thomas J. Peters e Robert H. Waterman, *op. cit.*, Geert Hofstede, *op. cit.*, Daniel Bollinger e Geert Hofstede, *op. cit.* e Gareth Morgan, *Images of Organization*, California, Sage Publications, 1986.

²² Por exemplo Pierre Bourdieu, *La reproduction*, Paris, Ed. Minuit, 1970 e *La distinction*, Paris, Ed. Minuit, 1979; Daniel Bertaux, *op. cit.*

²³ Ver, por exemplo: Peter Laslett e Richard Wall, *Houseworld and Family in Past Time*, Cambridge, Cambridge University Press, 1974, Richard Wall (ed.), *Family Forms in Historic Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983, Jean-Louis Flandrin, *Familles*, Paris, Hachette, 1976, Louis Roussel, *Le mariage dans la société française contemporaine*, Paris, PUF-INED, 1975 e *La famille après le mariage des enfants: étude des relations entre générations*, Paris, PUF-INED, 1976.

²⁴ Michael Young e Peter Willmott, *Family and Kinship in East London*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1957, Elizabeth Bott, *family and Social Network*, Londres, Tavistock, 1971, Agnès Pitrou, *Vivre sans famille*, Toulouse, Privat, 1978, Jean Kellerhals e Huguette McCluskey, «Uma topografia subjectiva do parentesco», *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 5, 1988.

²⁵ Jean Kellerhals, *et al. Mariages au quotidien, op. cit.*, Jean Kellerhals *et al. Microsociologie de la famille*, Paris, PUF, 1984, Jean Kellerhals, «Les types d'interactions dans la famille», *op. cit.*, D. Olson e McCubbin, *Families: What makes them work*, Beverly Hills, Sage, 1983, Pierpaolo Donati, *Famiglia e Politiche Sociali*, Milano, Franco Angeli, 1987 e D. Reiss, *The family's construction of reality*, Cambridge, Harvard University Press, 1981.

²⁶ Jean Stoetzel, *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*, Paris, PUF, 1983 e Stephen Harding e David Phillips, *Contrasting Values in Western Europe*, Londres, 1986.